

Próximo Next Futuro Future



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

Nº 15

MARÇO / MARCH
2014

PROGRAMA GULBENKIAN PRÓXIMO FUTURO GULBENKIAN NEXT FUTURE PROGRAMME

Programador geral / Chief curator
António Pinto Ribeiro

Assistentes de programação / Curatorial assistants
Lúcia Marques
Sandra Guimarães (exposições / exhibitions)

Assistente de produção (estagiário) / Production assistant (intern)
Vítor Alves Brotas

Voluntária / Volunteer
Catarina de Oliveira

Colaboração / Collaboration
Museu Calouste Gulbenkian / Calouste Gulbenkian Museum
(diretor / director: João Castel-Branco)
Serviços Centrais / Central Services
(diretor / director: António Repolho Correia)
Serviço de Comunicação / Communication Department
(diretora / director: Elisabete Caramelo)
Centro de Arte Moderna / Modern Art Centre
(diretora / director: Isabel Carlos)

Design gráfico / Graphic design
Arne Kaiser

Apoio à comunicação / Communication support
Mónica Braz Teixeira, Sara Pais

Revisão / Proof reading
Clara Vilar

Traduções / Translation
John Elliott
Manuel Chaves

Website
BOQ (Guilherme Cartaxo / Miguel Duarte)

Colaboração / Collaboration (Website/Blog/FB/Twitter)
Lúcia Marques
Maria Vlachou

O “Lisboa à Prova com Arte” é uma ação do Lisboa à Prova – Concurso Gastronómico que junta o melhor das Artes ao melhor da Gastronomia: os restaurantes premiados no Concurso participam em inaugurações de exposições de galerias e museus de referência em Lisboa, idealizando para esse efeito um serviço de catering.

“Lisboa à Prova com Arte” is an initiative promoted by Lisboa à Prova – Gastronomic Contest that brings together the best in visual arts with the best in gastronomy. The winning restaurants provide catering services at openings in prestigious galleries and museums in Lisbon.



Pieter Hugo
Yasser Booley, *Cidade do Cabo*
Yasser Booley, *Cape Town*
Da série “O Inferno Tem um Lugar Reservado para Mim e para os Meus Amigos”, 2011
From the series “There’s a Place in Hell for Me and My Friends”, 2011

© Pieter Hugo, Cortesia / Courtesy Stevenson Gallery,
Cape Town-Johannesburg; Yossi Milo Gallery, New York

Exposição / Exhibition
Pieter Hugo – *Este É o lugar* / *This Must Be the Place*

Curadoria / Curator
Wim van Sinderen

Texto / Text
Stacy Hardy

Projeto museográfico e coordenação de montagem
Museum project and installation coordination
Mariano Piçarra, Rita Albergaria com a colaboração de / with the
collaboration of Salomé Ventura (estagiária / intern)

Montagem da exposição / Exhibition installation
Ricardo Dias
Carlos Lopes

Iluminação / Lighting
Manuel Mileu

Construção / Construction
J.C. Sampaio, Lda.

Transportes e seguros / Transports and insurance
Paulo Gregório

Instalação gráfica / Graphic installation
Paulo Santos

Agradecimentos / Acknowledgments
Pieter Hugo
Stevenson Gallery Cape Town-Johannesburg
Yossi Milo Gallery, New York

Exposição organizada pelo Programa Gulbenkian Próximo Futuro
em colaboração com o Fotomuseum Den Haag
Exhibition organised by the Next Future Gulbenkian Program
in collaboration with Fotomuseum Den Haag

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
AV. DE BERNA, 45A, 1067-001 Lisboa

proximofuturo@gulbenkian.pt
tel. (+351) 217 823 529
www.proximofuturo.gulbenkian.pt

Parceiros / Partners

FOTOMUSEUM DEN HAAG ∞

QUINZE INSTANTÂNEOS DE PIETER HUGO

UM

Serviu-se de uma cerveja e sentou-se lá fora durante algum tempo. Vista do terraço do hotel, a cidade parecia não ter fim. Alongava-se pelo horizonte, por vales e elevações fumegantes. Observou um avião a aterrar, o voo diário proveniente de Joanesburgo. Reconheceu-o pelas horas. Apenas três companhias aéreas faziam voos regulares para a cidade e só uma voos diários. É evidente que já tinha andado muito de avião. Conhecía os horários das companhias. Sabia quais as rotas que tinham boas ligações. Conhecía os vários tipos de avião, assim como as suas características, e relacionava-as com as distâncias de voo que iria percorrer. Sabia quais os aeroportos que não eram eficientes, os que eram impossíveis, degradados pela ineficácia ou pela burocracia, os que aplicavam medidas suplementares de segurança e os que não o faziam. Conhecía os locais de risco, onde a segurança se encontrava comprometida por guerras civis ou ameaças de terrorismo. Sabia os locais onde a lei marcial estava em vigor. Onde revistavam os corpos ou ocorriam raptos, ou onde os meios de comunicação ocidentais eram impedidos de entrar. Sabia-o por experiência. Procurava esse género de lugares. Viajava pelo prazer de ser um estranho numa terra estranha. Espectador, não ator: um *voyeur* móvel, uma testemunha silenciosa. Tinha um cartão Visa e um número de passageiro frequente. Descia pelas escadas rolantes para a área reservada a passageiros. Reparava nas mãos e nos olhos, no tamanho e na marca das bagagens de mão, na nacionalidade dos passageiros e da tripulação. Já a bordo, no zumbido dos motores. O para-brisas era à prova de aves. Sabia tudo isso. O aileron era um flap móvel.

DOIS

Pensou que, do ar, todas as cidades são parecidas, babéis castanhas, ciladas de poeira e calor. O calor era sempre agressivo. Gostava de ambientes agressivos. Reservou um hotel perto do aeroporto. Sentou-se à janela, de camisa desabotoada, a beber uma cerveja. O sol queimava. Era isso o que queria, sentir o calor intenso no corpo, sentir o próprio corpo, resgatá-lo da náusea das notícias e da comunicação. Durante dias, não fez mais nada senão olhar. Guiou e observou. Percorreu ruas, estradas não assinaladas, trilhos. A cidade zumbia com o movimento. Desenrolavam-se cenas bizarras, as imagens surgiam e desapareciam. Vagas de pessoas, caras que se destacavam da paisagem de pedra, prédios de quatro andares com a roupa a esvoaçar nos telhados. Foi necessário concentrar-se para se aperceber do que se desenrolava à sua frente, fixar os padrões nos movimentos, instantes congelados no fluxo. Deu-lhe trabalho e exigiu-lhe esforço, ver o que estava a ver. Ficou hipnotizado pelas profundidades possíveis, pelas camadas que conseguiu reconhecer. As camadas difíceis de distinguir na superficialidade banal do olhar do quotidiano.

TRÊS

Tinha-se tornado um perito em fazer malas. Tinha um sistema, uma rotina, em que tudo tinha o seu lugar. Mantinha a bagagem pessoal e o equipamento separados. Tinha uma máquina portátil de fazer café, elegante e de design moderno. Levava-a com ele, o seu único luxo. Tomava o seu café, preto, de manhã, no quarto do hotel. Bebia o café, defecava e ficava pronto. Andava sempre

FIFTEEN SNAPSHOTS OF PIETER HUGO

STACY HARDY

ONE

He poured himself a beer and sat outside awhile. From the hotel terrace the city appeared endless. It stretched to the horizon, smoky vales and rises. He watched a plane coming in to land, the daily flight from Johannesburg. He recognised it by the time. Only three airlines flew regularly to the city, only one with daily flights. He flew a lot, of course. He knew the airline timetables. He knew which routes connected well. He knew the various aircraft and their capabilities and measured this against the distance he was flying. He knew which airports were efficient, which were impossible, marred by inefficiency or bureaucratic processes, which had extra security measures, which didn’t. He knew the danger spots, where there were security threats, civil wars or terrorist alerts. He knew where military rule was enforced. Where body searches were conducted, where abductions took place, where Western media were barred from entering. He knew from experience. He sought out these kinds of places. He travelled to taste the pleasure of being a stranger in a strange place. A spectator not an actor: mobile voyeur, silent witness. He had his Visa card, his frequent-flyer number. He would take an escalator down to the area restricted for passengers only. He would notice hands and eyes, the size and make of hand luggage, the

nationality of the passengers and crew. And then aboard, the hum of the engines. The windshield was bird proof. He knew this. The aileron was a movable flap.

TWO

He thought from the air all the cities looked alike – brown storms, traps of dust and heat. The heat was always fierce. He liked fierce. He booked into a hotel near the airport. He sat by the window, shirt unbuttoned, drinking a beer. The sun was burning down. This is what he wanted, to feel the deep heat beating into his body, feel the body itself, reclaim the body from the nausea of news and communication. For days he did nothing but look. He drove and looked. He hiked through streets, up unmarked roads, along trails. The city hummed with movement. Unfamiliar scenes took shape, images coming and going. Waves of people, faces gazing out of the stony landscape, four-storey buildings with laundry flying from the rooftops. It took close attention to see what was happening in front of him, to see the patterns in movements, moments in the flow. It took work, serious effort, to see what he was looking at. He was mesmerised by this, the depths that were possible, the depths he was able to see. The depths of things so easy to miss in the shallow habit of everyday seeing.

He walked with his long shadow crinkling behind him, duplicating him in an elongated double. He walked through the bush. He wandered through the piles of rubble. He wondered but what did we survive? We cannot give it a name, it is so fearful, so threatening, so undefined, so undeniable, so beyond any analysis. Words trivialise worlds, he thought, every word shrinks reality. Even that word: genocide. It sounded foreign in his mouth, external, a translation. What about that other word: atrocity? A horror, an abjection, a big darkness of unseen proportions, utter destruction and ruin. But what happened was not incomprehensible, not inexplicable. He thought that in reality the story was simple. It was ancient. War. Men killing men. He wondered – can you compress the whole horrible truth into a single image?

EIGHT

He woke up on the hotel bed in his shorts. It took him a while to figure out where he was. He sat up, a little unsteady in his movements. He recognised the room. He tried to recall how he'd made it back. He remembered the German tourist. Indeterminable periods of time spent in the bathroom, stomach burning from too much drink. He had no memory of leaving the nightclub. It frightened him. It made him see himself banging into walls, stagger-drunk in the dark somewhere. It frightened him but also made him darkly excited. He thought about the gaps in time, the holes in memory, missing things. What was just beyond the photo, outside the frame, the blank expanse that overtook the image in his mind. How one could never find a way beyond the photograph. It was this frustration, he thought, the mimicry of the very act of perception, of seeing separated from even the possibility of understanding, of grasping anything beyond the surface, that both excited his imagination and left him haunted, possessing a feeling of loss that could not be put right.

NINE

He exercised every day when he travelled. He needed to burn things off, test his body, direct himself inward, work on his strength, stamina, agility, sanity. He needed an offsetting discipline, a form of controlled behaviour, voluntary, that kept him from going crazy. There was no fitness centre in his hotel. He found a ghetto gym not far away and worked out there. The place was a shithole, rusted metal racks and home-made hand weights, nothing more than painted tins filled with cement. The space made everything feel raw; the intensity of the workout, the need to pull and strain, set his body against steel and cable. He used the weights. He stood lifting and counting. He lifted tin buckets, one at a time, then both at once, twenty reps one way, ten the other, lifting and counting. Precision was one of the raptures he allowed himself, the skill for selection and detail, the powerful rush of things, of raw proximity and intense focus. Everything looked clearer in the camera, through the viewfinder. It had an economy. The camera shielded and focused emotions – fear, love, pity, anger, contempt, revenge, guilt – that dulled pure perception, tainted it with feeling, left it contaminated with this world instead of lifting above it. The camera alone was capable of capturing the space and time within which experience took place. Without a camera, experience slid off into nothingness, since the moment something was experienced it had already passed and was therefore just a memory and, like all memory, falsified, fictive, which was why it sometimes seemed to him that he was no longer human. Being human required the illusion of being able to experience something directly but he was really like the cyclops who experienced the world through a single round hole in the middle of his forehead.

TEN

The highway was outside Musina. It was very early in the morning, there was no traffic yet. It was cool; the heat wouldn't come until later. He had been driving for a few hours when he saw it. A dead dog in the middle of the road. Its belly was split open. Its intestines spilled on the road, the red of its innards brilliant against the black tar. He stopped the car. The engine was still running. He sat a long time idling and looking. He felt a strange desolation pass over him. Meaningless, he thought, but maybe not.

ELEVEN

The thing he most feared in Lagos was traffic. The apocalyptic growl of hundreds of cars, motorcycles. The drivers’ freeform ways. How people drove as if they were walking. They veered idiosyncratically. They weaved across lanes unannounced. He was here to photograph the Gadawan Kura (Hausa for “hyena handlers”), boys and men who travel from town to town, parading the animals through the streets. After the shoot they went for beers. He bought the round. He spoke and listened on one level, observing from another. He liked the Gadawan Kura. They told jokes and laughed, speaking too fast in pidgin for him to follow. They raised their glasses to salute him. Cheers. With the hyenas it was the opposite. They took an instant dislike to him. It was as if they recognised something in him. They growled when they saw him approach. Their mouths were open. Their muzzles twitched. He heard them

indefinido e inegável que é, tão para lá de qualquer análise. As palavras banalizam os mundos, pensou; todas as palavras reduzem a realidade. Até mesmo a palavra genocídio. Na sua boca, soava-lhe estranha, alheia, uma tradução. E a outra palavra, atrocidade? Horrível, abjeta, uma imensa escuridão de proporções nunca vistas, destruição e ruína absolutas. Mas o que acontecera não era nem incompreensível, nem inexplicável. Pensou que, na realidade, a história era simples. Uma coisa antiga. A guerra. Os homens, que se matam uns aos outros.

Interrogou-se como seria possível condensar toda aquela horrível verdade numa única imagem.

OITO

Acordou na cama do hotel com os calções vestidos. Levou algum tempo a perceber onde estava. Sentou-se, os movimentos pouco seguros. Reconheceu o quarto. Tentou lembrar-se de como é que tinha regressado. Lembrou-se do turista alemão. Indetermináveis períodos de tempo na casa de banho, o estômago a arder de tanto álcool. Não se lembrava de ter saído da boate. Assustou-se com isso. Fê-lo ver-se a si próprio a ir contra as paredes, podre de bêbedo, aos tom-bos algures no escuro. Assustado, mas também perversamente excitado. Pensou nas lacunas do tempo, nos vazios da memória, no que perdera. No que estava para além da fotografia, fora do enquadramento, a extensão do vazio que se sobrepunha à imagem na sua mente. Nunca se consegue transcender a fotografia. Era esta frustração, pensava ele, a imitação do próprio ato de percepção, da observação dissociada de qualquer possibilidade de compreensão, de perceber alguma coisa para lá da superfície, que tanto lhe estimulava a imaginação como o deixava assombrado, possuído por um sentimento de perda que não podia ser corrigido.

ONZE

O que mais receava, em Lagos, era o trânsito. O rosnar apocalíptico das centenas de carros e motos. As faixas inventadas pelos condutores. Guiavam como se estivessem a andar a pé. Guinavam quando lhes apetecia. Atravessavam as faixas de rodagem sem avisar. Tinha vindo fotografar os domadores de hienas (*gadawan kura*, em hausa): homens e miúdos que viajam de cidade em cidade, fazendo desfilar os animais pelas ruas. Depois da sessão de fotografias, foram beber cerveja. Pagou a rodada. Falou e ouviu num registo, observou noutro. Gostava dos domadores de hienas. Diziam piadas e riam, falando em crioulo a uma velocidade que não conseguia acompanhar. Ergueram-lhe os copos num brinde. Saúde! Com as hienas, foi o oposto. Detestaram-no instantaneamente. Como se reconhecessem alguma coisa nele. Começaram a rosnar assim que o mesmo tempo, vinte séries num sentido, dez no outro, a levantar e a contar.

THREE

He had become an expert at packing. He had a system, a routine, everything had its place. He kept his personal luggage and equipment separate. He had a portable espresso machine. It travelled with him, his one indulgence, sleek-seeming, advanced design. He took his coffee black. He drank it in the hotel room in the morning. He drank coffee, shat and was ready to go. He was always pressed for time. He worked with light and against darkness. He saw no beauty in sunsets. They were nothing more than dying light, the dimming of chance. He stood in the punishing sun. Stood and looked. He didn't know what he was looking for. Or no, rather he only knew when he saw it and even then sometimes he didn't know until later, back in the room when he processed the film or more recently downloaded the images, only then. He had no word for it. It was not a specific thing. He didn't photograph things. Nor did he photograph themes. Of course themes emerged. Themes could be read in his work. The landscapes he travelled through inspired themes. Alienation was a theme. Spaciousness and claustrophobia, these would become themes. Fear and desolation, the persistence of man's needs had a kind of crippled appeal for him. It opened him to dimmer things, at odder angles, to something crouched and dark in people but also capable of stirring a strange feeling in him, a rare tinge of affinity.

FOUR

The construction of a photo shoot always began with the search for a place. The situations themselves were always real. They were cut from the fabric of material existence, from the duration of inertias, expectations and beliefs. They pitted real bodies against the power of certain landscapes. He walked through the low veld, feeling what was there, how the clarity of sight can deepen your step, give you something to catch at and grip. He walked and looked. The light was surgical, it was binding. It fixed the scene before him as a moment in a dream. All was foreground, wordless and bright. He moved in closer and refocused. He shot and shot.

FIVE

He slept in motels, bungalows, small cheap lodges. Sometimes he stayed with friends, friends of friends, friends of colleagues. He especially liked hotels, their disengaging aspect, the blank autonomy they offered. He woke up before sunrise. There was a splatter of brightness at one edge of the window. Minutes later, sunlight filled the hotel room. He opened the door and walked out onto the veranda. He was on the bottom floor, balconies

towered above him. He looked up, then down. The sky was blue. The ground shimmered, a carpet of used condoms dropped from the balconies above. Plastic on cement. A decade of hotel fucks on his doorstep.

SIX

In Kinshasa he found a shadow city that stretched from the real city, the uncounted living in shacks and in the street, life that swarmed and brooded. He walked through narrow streets. He looked through the shell holes in a building wall and saw another ruined building, stately and stoic, the colonial architecture still standing despite the bombardment. On the third day he was arrested for photographing a government building. The police were rough. They barked instructions. Knocked him down, told him to stand. They dragged him through the streets. A shipping container served as a makeshift prison. They cuffed him to the inner wall. He wasn't afraid until he saw his companion. The man tried to raise himself to a sitting position. His back was covered with sweat. He was breathing heavily. He kept licking his lips. It seemed he wanted to speak. He didn't. Finally his head dropped back down, his arms curled again up to his chest.

He wondered how long the man had been here. Three days? Four days? A week? He sat back and waited. Time became peculiar, the original thing that is always there. It seeped into his fever and delirium. Sweat dripped on the floor. He felt droplets on his forehead. Finally a man from the government came. He did not give his name. He accepted the bribe with a terse nod, a barely perceptible sign, a head movement, the smallest action of eyes and lips. That night, safely back in his hotel room, he couldn't sleep. He kept waking. The man-in-the-container's face came back to him as a composed image, movie-lit, etched and shaded, shadows around the flat eyes. He seemed a heroic figure, somehow super-lifelike.

SEVEN

He visited a mass grave in Rwanda. He looked at the skeletons stacked on top of each other, wondering about the men whose flesh had once decorated these bones, femurs and ribs and skulls, skulls heaped in alcoves and hidey-holes. Why do men kill each other? He had often asked himself this, yet finally he thought he understood. From the depths of the earth, he thought he could hear the dead stirring. He wanted to capture that. The silence, the movement, the way they coexisted in space. He wanted to capture the unspeakable.

pressionado pelo tempo. Trabalhava com a luz, contra a escuridão. Não via nenhuma beleza nos pores-do-sol. Não eram mais do que luz moribunda, o esbater de possibilidades. Ficou de pé, sob o sol escaldante. De pé, a observar, não sabendo o que procurar. Ou, melhor, sabia-o quando o via e, mesmo assim, vezes havia em que só o sabia mais tarde, de regresso ao quarto, quando revelava as películas ou, mais recentemente, quando descarregava as imagens – e só nessa altura. Não tinha nenhuma palavra para isso. Não se tratava de algo específico. Não fotografava coisas. Nem temas. Claro que eles emergiam, transpareciam no seu trabalho. As paisagens por que passara inspiraram temas. A alienação foi um deles. O espaço e a claustrofobia também se tornaram temas. O medo e a desolação, e a persistência das necessidades humanas, exerciam nele uma espécie de apelo mórbido, tornando-o recetivo a coisas menos nítidas, a ângulos estranhos, ao lado latente e negro das pessoas, mas que ao mesmo tempo lhe conseguiam despertar um sentimento esquisito, um tipo insólito de afinidade.

QUATRO

A construção de uma sessão fotográfica começava sempre com a procura de um local. As situações em si eram sempre reais. Eram recolhidas do tecido da existência, da duração da inércia, das expectativas e das crenças. Confrontavam corpos reais com a dureza de determinadas paisagens. Atravessou a pé a planície, absorvendo o que lá havia, o modo como a nitidez da visão pode intensificar os passos, proporcionar algo palpável e a que se agarrar. Andava e olhava. Era uma luz cirúrgica e aglutinadora, que fixava o cenário que se desenrolava à sua frente como um instante num sonho. Tudo era primeiro plano, inexprimível e brilhante. Aproximou-se e voltou a focar. Fotografou uma e outra vez.

CINCO

Dormia em motéis, bangalós, albergues pequenos e baratos. Por vezes, ficava em casa de amigos, amigos de amigos, amigos de colegas. Gostava especialmente dos hotéis, do seu aspeto impessoal, da desolada autonomia que ofereciam. Acordou antes de o sol nascer. Um salpico de claridade iluminava a borda da janela. Minutos depois, a luz do sol já preenchia todo o quarto do hotel. Abriu a porta e foi para a varanda. Estava no rés-do-chão, com as sacadas por cima. Olhou para cima e depois para baixo. O céu estava azul. O chão cintilava, num tapete de preservativos atirados das varandas. Plástico sobre cimento. Uma década de quecas de hotel jazia à sua porta.

SEIS

Em Kinshasa, deparou com uma cidade-sombra que se expandia a partir da

própria cidade, os excluídos que viviam em barracas e nas ruas, as vidas que fervilhavam e se reproduziam. Andou pelas ruas estreitas. Espreitou por entre os buracos de morteiro existentes na parede de um prédio e viu um outro edifício em ruínas, imponente e estoico, a arquitetura colonial ainda de pé apesar dos bombardeamentos. Ao terceiro dia, foi preso por estar a fotografar um edifício governamental. Os polícias foram duros. Ladraram-lhe instruções. Atiraram-no ao chão, disse-ram-lhe para se pôr de pé. Arrastaram-no pelas ruas. Um contentor serviu de prisão improvisada. Algemaram-no a uma das paredes interiores. Não teve medo até ver o seu companheiro. O homem tentava erguer-se para se sentar. Tinha as costas cobertas de suor. Respirava pesadamente e não parava de lamber os lábios. Parecia querer falar. Não o fez. Finalmente, a cabeça descaiu-lhe para trás, os braços cruzados sobre o peito. Interrogou-se há quanto tempo o homem ali estaria. Três dias? Quatro? Uma semana? Sentou-se e esperou. O tempo tornou-se esquisito, o elemento original que nunca deixa de existir. Infiltraram-se-lhe febre e delírio. O suor escorria para o chão. Sentia as gotas na testa. Finalmente, apareceu um homem do governo. Não disse o nome. Aceitou o suborno com um aceno contido, um sinal quase impercetível, um movimento da cabeça, o mais ínfimo movimento dos olhos e dos lábios. Nessa noite, de regresso à segurança do quarto do hotel, não conseguia dormir. Acordava constantemente. O rosto do homem do contentor asso-lava-o como uma imagem encenada, com uma iluminação cinematográfica, realçada e obscurecida, que sombras em torno dos olhos sem vida. Parecia uma figura heroica, de alguma maneira supranatural.

SETE

Foi ver uma vala comum no Ruanda. Observou os esqueletos amontoados uns em cima dos outros, a pensar nos homens cuja carne havia revestido aqueles ossos, fémures, costelas e crânios, crânios empilhados em valas e esconderijos. Por que é que os homens se matam uns aos outros? Muitas vezes fizera esta pergunta a si próprio, e, finalmente, pensou que compreendia. Pensou que conseguia ouvir os mortos a mexerem-se nas profundezas da terra. Era isso o que queria captar. O silêncio, o movimento, o modo como coexistiam no espaço. Queria captar o inexprimível. Andou a pé, a longa sombra enrugando-se atrás dele, desdobrando-o num duplo alongado. Atravessou o matagal. Vagueou por pilhas de cascalho. Na sua mente, surgiu a questão: mas a que é que sobrevivemos? Não podemos dar-lhe um nome, de tão aterrador,

Pieter Hugo was born in 1976 in Johannesburg and grew up in Cape Town, where he continues to live. Solo shows have taken place at the Institute of Modern Art, Brisbane (2010); Le Château d'Eau in Toulouse (2010); the Australian Centre for Photography in Sydney (2009), and Foam – Fotografiemuseum Amsterdam (2008). Group exhibitions include *The Global Contemporary: Art Worlds after 1989* at ZKM Center for Art and Media, Karlsruhe (2011); *The Endless Renaissance*, Bass Museum of Art, Miami Beach, Florida (2009); *Street & Studio: An urban history of photography* at Tate Modern, London (2008); *An Atlas of Events*, at the Calouste Gulbenkian Foundation, Lisbon (2007); and the 27th São Paulo Biennial (2006). In 2008 Hugo was the winner of the KLM Paul Huf Award and the Rencontres d'Arles Discovery Award. He won the Seydou Keita Award at the 9th Rencontres de Bamako African Photography Biennial, Mali, in 2011, and was shortlisted for the Deutsche Börse photography prize 2012. Hugo's work was included in the exhibition *Present Tense*, presented at the Gulbenkian Foundation's Lisbon headquarters and in Paris at the Foundation's France Delegation (2013) and in *Art and Textile: Fabric as Material and Concept in Modern Art from Klimt to the Present* at Kunstmuseum Wolfsburg (2013/2014) and will be shown in *Distance and Desire: Encounters with the African Archive* at The Walther Collection, in Ulm (2015). His touring survey exhibition, *This Must Be the Place*, opened at the Fotomuseum Den Haag and travelled to the Musée de l'Elysée, Lausanne, in 2012. It showed most recently at Fotografiska – the Swedish Museum of Photography – in Stockholm. The exhibition will continue to tour in 2014.

Nascido em 1976, em Joanesburgo, África do Sul, Pieter Hugo ainda hoje vive em Cape Town, a cidade onde cresceu. Apresentou exposições individuais no Institute of Modern Art, Brisbane (2010); no Château d'Eau, Toulouse (2010); no Australian Centre for Photography, Sydney (2009) e no FOAM – Fotografiemuseum Amsterdam, Amsterdão (2008). Entre as exposições coletivas em que participou, contam-se *The Global Contemporary: Art Worlds after 1989*, no ZKM Center for Art and Media, Karlsruhe (2011); *The Endless Renaissance*, no Bass Museum of Art, Miami Beach, Florida (2009); *Street & Studio: An urban history of photography*, na Tate Modern, Londres (2008); *Um Atlas de Acontecimentos*, na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2007). Participou ainda na 27.ª Bienal Internacional de São Paulo (2006). Em 2008, Pieter Hugo ganhou o prêmio KLM Paul Huf, bem como o prêmio Revelação de Les Rencontres d'Arles. Foi galardoado com o prêmio Seydou Keita na 9.ª edição dos Rencontres de Bamako, Bienal Africana de Fotografia, em 2011, tendo sido selecionado para o prêmio de fotografia Deutsche Börse 2012.

Os trabalhos de Pieter Hugo fizeram parte da exposição *Present Tense*, apresentada no Edifício Sede da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa e em Paris, na Delegação da Fundação em França (2013) e de *Art and Textile: Fabric as Material and Concept in Modern Art from Klimt to the Present*, Kunstmuseum Wolfsburg (2013/2014). Serão ainda incluídos em *Distance and Desire: Encounters with the African Archive*, The Walther Collection, Ulm (2015).

A antológica *Este É o Lugar* foi inaugurada em 2012 no Fotomuseum den Haag, na Haia, e em seguida no Musée de l'Elysée, em Lausana. Esteve recentemente patente ao público no Fotografiska – o Museu Sueco de Fotografia –, em Estocolmo. Esta exposição prosseguirá em digressão ao longo de 2014.

PIETER HUGO

rumble low in their throats. Their fore-heads were squashed. Their eyes were black. He remember clearly – what happened next – how one suddenly lunged at him then, the feral, almost otherworldly sound of it, the way it pulled hard against the leash, stretching the leather and metal collar until it was about to break, willing to be hanged if that's what it took to get at his throat.

TWELVE

His razor broke. He stopped shaving. In the evening, at the hotel, he looked at himself in the mirror. He ran his hands over the stubble, a week's growth. He wondered how do you know the moment when you cease to be human? Was it the moment where reality, previously a smooth surface, began to come in waves, for a moment altogether too much and then utterly absent?

THIRTEEN

He distrusted photography. Sight could be deceiving. Perception skewed with changes in the lighting. The purpose of a camera was to arrest time, a tenth, a hundredth, even a thousandth of a second, to stop time by destroying time. Film, he thought, only seemed to reproduce reality when it was run through a projector. It only created the illusion of process when actually it consisted of successive still shots. He thought maybe he should shoot a movie. He returned to Lagos. He met people in the industry. Nollywood. He didn't end up making a film. That would be too easy. Instead he shot stills from imaginary films. He employed actors from the industry. He assembled costumes and props and shot scenes. He bent over, careful where he put his fingers, and looked at the strips of developed film. He looked closely, one frame at a time. The images were clichés: bloodsucking vampires and bloodied businessmen; murderous dwarves and zombie child soldiers. And yet there was something about the nature of the images, the tones, the starkness. He thought they were more real, truer-to-life than anything around him. The things around him had a rehearsed and layered look. The photos by contrast had a searing realness. He began to think of one thing's relationship to another. He thought the shoot had the same relationship to Nollywood that the films had to real lived experience. This was the departure from the departure. The films were fiction, the photos were real. He had one day left. He shot a self-portrait. He shot himself barefoot and masked in a junkyard. He shot himself as an executioner in dark industrial gloves, hairless chest and limbs. Dark jockey shorts. His formal apartness, a distance he'd perfected.

FOURTEEN

He stood in the queue at the airport. He caught a glance of his face in the reflective surface of a mirrored column. He was looking at someone who was classically unseen, the person you are trained to look through, bled of familiar affect. He thought it was a mistake to assume that black was the most terrifying of colours. It was empty and dark and lonely, but it was also absolute, certain, calming. White, on the other hand, offered overwhelming possibility, uncertainty and notions of hope that drove the strongest of men mad.

FIFTEEN

He walked through a waste dump in Ghana. The sky was low and grey. He walked into the black smoke of acres of burning truck tyres and computers. He saw people, men and women, family groups, furtive grimaces, side-long glances. He took a deep breath. He filled his lungs. This was the horror he craved, the assault on his senses, his complacency. To understand all this, to penetrate its secret. The dump was here, unconcealed, but no one saw it or saw through it, no one knew it existed except the international businessmen and shipping agents, NGOs and local residents. A unique cultural deposit, fifty million tons of digital waste, and no one talked about it. He thought the biggest secrets are the ones spread open before us, under our noses.

The wind carried the chemical stink from the burning pyres. It was inescapable. It filled his mouth, clung to his clothes. He felt like he was standing on a threshold. The thing was organic, ever growing and shifting, its shape determined by the day and the hour. In a few years this would be its own city, its own country. He felt a sting of fear. He looked at all that soaring garbage and saw the future. Or was it the past? The beginning, before the beginning of time.

He saw a cow emerge from behind a cloud of smoke, nothing in front of him but a vast scene of destruction. One cow became many. Slowly they made their way together. No one led them or chased them but they seemed to know the way. They took their time. They had, it seems, all the time in the world. He started to pack up. Day was turning to night. It always caught him by surprise on the dump. Here it was just a matter of light and darkness. It was not time passing. Time was enormous. Time preceded him and survived him. He picked up his camera.

surdo vindo das gargantas. Tinham as testas amolgadas. Os olhos eram pretos. Lembrava-se claramente do que se passou a seguir – uma delas atirou-se a ele, com um som gutural, quase do outro mundo, puxando a trela, esticando a coleira de pele e metal quase até ao limite, disposta a enforcar-se se isso fosse preciso para lhe chegar à garganta.

DOZE

A lâmina partiu-se. Parou de se barbear. À noite, no hotel, viu-se ao espelho. As mãos percorreram a barba de uma semana. Perguntou-se como é que se reconheceria o instante em que se deixa de ser humano. Seria o momento em que a realidade, anteriormente uma superfície lisa, começa a surgir em vagas, num absoluto, e, depois, perfeitamente ausente?

TREZE

Desconfiava da fotografia. A visão pode ser enganadora. As alterações na iluminação distorciam a percepção. O objetivo de uma máquina fotográfica é o de capturar o tempo, num décimo, num centésimo ou mesmo num milésimo de segundo, parar o tempo através da destruição do próprio tempo. A película, refletiu, apenas parecia reproduzir a realidade quando projetada. Apenas criava a ilusão de um processo, quando, na verdade, consistia numa sucessão de imagens paradas. Pensou que talvez devesse fazer um filme. Regressou a Lagos. Conheceu pessoas da indústria. Nollywood. Acabou por não fazer filme nenhum. Seria demasiado fácil. Em vez disso, fez imagens paradas a partir de filmes imaginários. Deu trabalho a atores da indústria. Reuniu peças de guarda-roupa e adereços e fotografou. Debruçou-se, cuidadoso com onde punha os dedos, e observou as películas dos filmes já revelados. Observou pormenorizadamente os fotogramas, um de cada vez. As imagens eram clichés: vampiros sugadores de sangue e homens de negócios ensanguentados; anões assassinos e crianças-soldado *zombies*. E, no entanto, eram mais verdadeiras, mais fiéis à vida real do que quaisquer outras coisas que o rodeassem. À sua volta, as coisas tinham um ar encenado e hierarquizado. Ao invés, as fotografias emanavam um realismo doloroso. Pensou na relação de uma coisa com outra. A sessão fotográfica estava para Nollywood assim como os filmes para a experiência da vida real. Era a partida a partir do ponto de partida. Os filmes eram ficção, as fotografias eram reais. Restava-lhe um dia. Fez um autorretrato. Fotografou-se a si mesmo numa sucata, descalço e mascarado, como um carasco, com luvas industriais negras, o peito e os membros sem pelos, calções escuros: o descomprometimento formal, o distanciamento que aperfeiçoara.

GATORZE

De pé, na fila no aeroporto. Viu, de relance, a sua cara refletida na superfície de uma coluna espelhada. Estava a olhar para alguém em que normalmente ninguém repara, a pessoa que o nosso olhar habitualmente atravessa, drenada de sentimento familiar. Pensou que era um erro assumir que o preto é a cor mais assustadora. É vazio, escuro e solitário, mas também absoluto, certo, calmante. Pelo contrário, o branco oferece possibilidades avassaladoras, incertezas e noções de esperança que levam o mais forte dos homens à loucura.

QUINZE

Atravessou uma lixeira no Gana. O céu estava baixo e plúmbeo. Penetrou no fumo negro de milhares de pneus de camião e de computadores a arder. Viu pessoas, homens e mulheres, grupos familiares, caretas furtivas, rápidos olhares de lado. Respirou fundo. Encheu os pulmões. Era este o horror pelo qual ansiava, um assalto aos sentidos e à sua complacência. Perceber tudo isto, penetrar no seu segredo. A lixeira estava ali, à vista de todos, mas ninguém a via ou se apercebia dela, ninguém sabia que ela existia, a não ser os homens de negócios internacionais e os transitários, as ONGs e os residentes. Uma jazida cultural única, cinquenta milhões de toneladas de lixo digital – e ninguém falava no assunto. Concluiu que os maiores segredos são os que estão mesmo à nossa frente, debaixo dos nossos narizes. O vento trazia o fedor químico das piras a arder. Não se podia fugir dele. Encheu-lhe a boca e agarrou-se-lhe aos pulmões. Sentiu-se num limiar. A coisa era orgânica, sempre em crescimento e em mutação, as suas formas determinadas pelo dia e pela hora. Dali a alguns anos, tomaria conta da cidade e do país. Sentiu uma ferroada de medo. Olhou para todo aquele lixo amontoado e viu o futuro. Ou seria o passado? O começo, antes do princípio do tempo. Viu uma vaca a sair de uma nuvem de fumo; à frente dele, apenas um imenso cenário de destruição. A vaca deixou de ser apenas uma. Avançaram, lentamente. Ninguém as conduzia ou perseguia, mas aparentavam saber para onde iam. Levaram o tempo que lhes apeteceu. Pareciam ter todo o tempo do mundo. Começou a fazer as malas. Fazia-se noite. Na lixeira, o anoitecer apanhava-o sempre de surpresa. Aqui, era apenas uma questão de claro e escuro, e não a da passagem do tempo. O tempo era desmesurado; precedia-o e ultrapassava-o. Pegou na máquina fotográfica.











pp. 8-9

Loyiso Mayga, Wandise Ngcama, Lunga White, Luyanda Mzantsi e Khungsile Mdolo depois da sua cerimónia de iniciação em Mthatha
Loyiso Mayga, Wandise Ngcama, Lunga White, Luyanda Mzantsi and Khungsile Mdolo after their initiation ceremony in Mthatha
Da série "Parentesco" / From the series "Kin", 2008-2011

pp. 10-11

Gustaf, Maureen, Koos e Marco Louw em casa
Gustaf, Maureen, Koos and Marco Louw in their home
Da série / From the series "Messina/Musina", 2006

pp. 12-13

Gezina e Hendrik Jacobus Venter com os filhos, Pieter e Intelashia, o cão Snowy e o Coelho Peanut
Gezina and Hendrik Jacobus Venter and their children Pieter and Intelashia with their dog Snowy and their rabbit Peanut
Da série / From the series "Messina/Musina", 2006

pp. 14-15

Colegas da escola na sala de estar da família Viljoen: Barend van den Berg, Werner Vos, Bartie Kotze, Armand Viljoen, Deon Viljoen
School friends in the Viljoen family living room: Barend van den Berg, Werner Vos, Bartie Kotze, Armand Viljoen, Deon Viljoen
Da série / From the series "Messina/Musina", 2006

pp. 16-17

Andre Hugo e Martje Potgieter com o filho primogénito, Leon Hugo, no dia do seu casamento
Andre Hugo and Martje Potgieter, with their first born, Leon Hugo, on the day of their wedding
Da série "Parentesco" / From the series "Kin", 2008-2011

pp. 18-19

Thina Lucy Manebaneba com o filho, Samuel Mabolabola, e o irmão, Enos Manebaneba, na sala de estar, depois de irem à igreja
Thina Lucy Manebaneba with her son Samuel Mabolabola, and her brother, Enos Manebaneba, in their living room, after church
Da série / From the series "Messina/Musina", 2006

© Pieter Hugo, Cortesia / Courtesy Stevenson Gallery, Cape Town-Johannesburg; Yossi Milo Gallery, New York

PIETER HUGO

ESTE É O LUGAR

THIS MUST BE THE PLACE

LISTA DE OBRAS

LIST OF WORKS

Abdullahi Mohammed com Mainasara, Lagos. Da série “A Hiena e Outros Homens”, Nigéria, 2005-2007
Abdullahi Mohammed with Mainasara, Lagos. From the series “The Hyena & Other Men”, Nigeria, 2005-2007

Abdullahi Mohammed com Mainasara, Ogere-Remo. Da série “A Hiena e Outros Homens”, Nigéria, 2005-2007
Abdullahi Mohammed with Mainasara, Ogere-Remo. From the series “The Hyena & Other Men”, Nigeria, 2005-2007

Mallam Mantari Lamal com Mainasara, Abuja. Da série “A Hiena e Outros Homens”, Nigéria, 2005-2007
Mallam Mantari Lamal with Mainasara, Abuja. From the series “The Hyena & Other Men”, Nigeria, 2005-2007

Mummy Ahmadu e Mallam Mantari Lamal com Mainasara, Abuja. Da série “A Hiena e Outros Homens”, Nigéria, 2005-2007
Mummy Ahmadu and Mallam Mantari Lamal with Mainasara, Abuja. From the series “The Hyena & Other Men”, Nigeria, 2005-2007

Os domadores de hienas de Abuja, Abuja. Da série “A Hiena e Outros Homens”, Nigéria, 2005-2007
The Hyena Men of Abuja, Abuja. From the series “The Hyena & Other Men”, Nigeria, 2005-2007

Mallam Mantari Lamal com Mainasara, Abuja. Da série “A Hiena e Outros Homens”, Nigéria, 2005-2007
Mallam Mantari Lamal with Mainasara, Abuja. From the series “The Hyena & Other Men”, Nigeria, 2005-2007

Dayaba Usman com o macaco Clear, Abuja. Da série “A Hiena e Outros Homens”, Nigéria, 2005-2007
Dayaba Usman with the monkey Clear, Abuja. From the series “The Hyena & Other Men”, Nigeria, 2005-2007

Nura Garuba e um amigo, com o seu macaco, Abuja. Da série “A Hiena e Outros Homens”, Nigéria, 2005-2007
Nura Garuba and friend with their monkey, Abuja. From the series “The Hyena & Other Men”, Nigeria, 2005-2007

Mummy Ahmadu e um encantador de serpentes com uma píton africana, Abuja. Da série “A Hiena e Outros Homens”, Nigéria, 2005-2007
Mummy Ahmadu and a snake charmer with a rock python, Abuja. From the series “The Hyena & Other Men”, Nigeria, 2005-2007

Yaw Francis, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
Yaw Francis, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

Sem título, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
Untitled, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

Sem título, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
Untitled, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

Abdulai Yahaya, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
Abdulai Yahaya, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

Sem título, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
Untitled, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

Naasra Yeti, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
Naasra Yeti, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

Abdulai Yahaya, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
Abdulai Yahaya, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

David Akore, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
David Akore, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

Yakuba Al Hasan, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
Yakuba Al Hasan, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

Al Hasan Abukari, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
Al Hasan Abukari, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

Zakaria Salifu, Mercado Agboglobshie, Acra. Da série “Erro Permanente”, 2009-2010
Zakaria Salifu, Agboglobshie Market, Accra. From the series “Permanent Error”, 2009-2010

Escort Kama, Enugu. Da série “Nollywood”, 2008-2009
Escort Kama, Enugu. From the series “Nollywood”, 2008-2009

Chris Nkulo e Patience Umeh, Enugu. Da série “Nollywood”, 2008-2009
Chris Nkulo and Patience Umeh, Enugu. From the series “Nollywood”, 2008-2009

Sem título, Enugu. Da série “Nollywood”, 2008-2009
Untitled, Enugu. From the series “Nollywood”, 2008-2009

Obechukwu Nwoye, Enugu. Da série “Nollywood”, 2008-2009
Obechukwu Nwoye, Enugu. From the series “Nollywood”, 2008-2009

Azuka Adindu, Enugu. Da série “Nollywood”, 2008-2009
Azuka Adindu, Enugu. From the series “Nollywood”, 2008-2009

Chommy Choko Eli, Florence Owanta, Kelechi Anwuacha, Enugu. Da série “Nollywood”, 2008-2009
Chommy Choko Eli, Florence Owanta, Kelechi Anwuacha, Enugu. From the series “Nollywood”, 2008-2009

Rose Njoku, Enugu. Da série “Nollywood”, 2008-2009
Rose Njoku, Enugu. From the series “Nollywood”, 2008-2009

Linus Okereke, Enugu. Da série “Nollywood”, 2008-2009
Linus Okereke, Enugu. From the series “Nollywood”, 2008-2009

Junior Ofokansi, Chetachi Ofokansi, Mpompo Ofokansi, Enugu. Da série “Nollywood”, 2008-2009
Junior Ofokansi, Chetachi Ofokansi, Mpompo Ofokansi, Enugu. From the series “Nollywood”, 2008-2009

Gabazzini Zuo, Enugu. Da série “Nollywood”, 2008-2009
Gabazzini Zuo, Enugu. From the series “Nollywood”, 2008-2009

Martin Kofi, coletor de mel selvagem, Techiman District. Da série “Os Coletores de Mel Selvagem”, 2005
Martin Kofi, Wild Honey Collector, Techiman District. From the series “The Wild Honey Collectors”, 2005

John Kwesi, coletor de mel selvagem, Techiman District. Da série “Os Coletores de Mel Selvagem”, 2005
John Kwesi, Wild Honey Collector, Techiman District. From the series “The Wild Honey Collectors”, 2005

Paul Ankamah, coletor de mel selvagem, Techiman District. Da série “Os Coletores de Mel Selvagem”, 2005
Paul Ankamah, Wild Honey Collector, Techiman District. From the series “The Wild Honey Collectors”, 2005

A Meritíssima Juíza Julia Sakardie-Mensah. Da série “Juízes”, Botswana, 2005
The Honourable Justice Julia Sakardie-Mensah. From the series “Judges”, Botswana, 2005

O Meritíssimo Juiz Moatlhodi Marumo. Da série “Juízes”, Botswana, 2005
The Honourable Justice Moatlhodi Marumo. From the series “Judges”, Botswana, 2005

A Meritíssima Juíza Unity Dow. Da série “Juízes”, Botswana, 2005
The Honourable Justice Unity Dow. From the series “Judges”, Botswana, 2005

Dr. Cecil Kwashie Adadevoh, Associado. Da série “Advogados e Solicitadores, Supremo Tribunal do Gana”, 2005
Mr Cecil Kwashie Adadevoh, Associate. From the series “Barristers and Solicitors Supreme Court Ghana”, 2005

Dra. Esine Okudzeto, Associada. Da série “Advogados e Solicitadores, Supremo Tribunal do Gana”, 2005
Miss Esine Okudzeto, Associate. From the series “Barristers and Solicitors Supreme Court Ghana”, 2005

Francois Hoffman, Louis Trichardt. Da série “Boereseuns. Retratos de Jovens Agricultores Africânderes”, 2006
François Hoffman, Louis Trichardt. From the series “Boereseuns. Portraits of Young Afrikaans Farm Boys”, 2006

Leroux Hoffman, Louis Trichardt. Da série “Boereseuns. Retratos de Jovens Agricultores Africânderes”, 2006
Leroux Hoffman, Louis Trichardt. From the series “Boereseuns. Portraits of Young Afrikaans Farm Boys”, 2006

Sakkie van Zyl, Gorongosa. Da série “Boereseuns. Retratos de Jovens Agricultores Africânderes”, 2006
Sakkie van Zyl, Gorongosa. From the series “Boereseuns. Portraits of Young Afrikaans Farm Boys”, 2006

Nyameka J Matiyana, Khayelitsha. Da série “Os Despojados”, 2005
Nyameka J Matiyana, Khayelitsha. From the series “The Bereaved”, 2005

Monwabisi Mtana, Khayelitsha. Da série “Os Despojados”, 2005
Monwabisi Mtana, Khayelitsha. From the series “The Bereaved”, 2005

Sixolile Bojana, Khayelitsha. Da série “Os Despojados”, 2005
Sixolile Bojana, Khayelitsha. From the series “The Bereaved”, 2005

Regina Kambule, Joanesburgo. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Regina Kambule, Johannesburg. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Steven Mohapi, Joanesburgo. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Steven Mohapi, Johannesburg. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Thulani Magwaza, KwaMashu. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Thulani Magwaza, KwaMashu. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Leon Nel, Worcester. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Leon Nel, Worcester. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Vernon Barnard, Somerset West. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Vernon Barnard, Somerset West. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Anna Hugo, Cidade do Cabo. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Anna Hugo, Cape Town. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Sheila Ward Smith, Sea Point. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Sheila Ward Smith, Sea Point. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Vunjani Sonjica, Worcester. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Vunjani Sonjica, Worcester. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Mkhgonzemi Welcome Makma, Pietermaritzburg. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Mkhgonzemi Welcome Makma, Pietermartizburg. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Aron Twala, Vrede. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Aron Twala, Vrede. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Justus Wilhelm Reitz, Carnarvon. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Justus Wilhelm Reitz, Carnarvon. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Pieter Hugo, Cidade do Cabo. Da série “Olhares Indiferentes. Retratos de Estúdio”, 2003-2006
Pieter Hugo, Cape Town. From the series “Looking Aside. Studio Portraits”, 2003-2006

Themba Tshabalala, Cidade do Cabo. Da série “O Inferno Tem um Lugar Reservado para Mim e para os Meus Amigos”, 2011
Themba Tshabalala, Cape Town. From the series “There’s a Place in Hell for Me and My Friends”, 2011

Sarah Raymond, Cidade do Cabo. Da série “O Inferno Tem um Lugar Reservado para Mim e para os Meus Amigos”, 2011
Sarah Raymond, Cape Town. From the series “There’s a Place in Hell for Me and My Friends”, 2011

Jon Day, Cidade do Cabo. Da série “O Inferno Tem um Lugar Reservado para Mim e para os Meus Amigos”, 2011
Jon Day, Cape Town. From the series “There’s a Place in Hell for Me and My Friends”, 2011

Ashleigh McLean, Cidade do Cabo. Da série “O Inferno Tem um Lugar Reservado para Mim e para os Meus Amigos”, 2011
Ashleigh McLean, Cape Town. From the series “There’s a Place in Hell for Me and My Friends”, 2011

Oliver Kruger, Cidade do Cabo. Da série “O Inferno Tem um Lugar Reservado para Mim e para os Meus Amigos”, 2011
Oliver Kruger, Cape Town. From the series “There’s a Place in Hell for Me and My Friends”, 2011

Yasser Booley, Cidade do Cabo. Da série “O Inferno Tem um Lugar Reservado para Mim e para os Meus Amigos”, 2011
Yasser Booley, Cape Town. From the series “There’s a Place in Hell for Me and My Friends”, 2011

Pieter Hugo, Cidade do Cabo. Da série “O Inferno Tem um Lugar Reservado para Mim e para os Meus Amigos”, 2011
Pieter Hugo, Cape Town. From the series “There’s a Place in Hell for Me and My Friends”, 2011

Na autoestrada perto de Messina. Da série “Messina/Musina”, 2006
On the highway outside Musina. From the series “Messina/Musina”, 2006

No quarto de Tyrone Brand. Da série “Messina/Musina”, 2006
In Tyrone Brand’s bedroom. From the series “Messina/Musina”, 2006

No condomínio para reformados Goeie Rust. Da série “Messina/Musina”, 2006
At Goeie Rust Retirement Village. From the series “Messina/Musina”, 2006

Gezina e Hendrik Jacobus Venter com os filhos Pieter e Intelashia, o cão Snowy e o coelho Peanut. Da série “Messina/Musina”, 2006
Gezina and Hendrik Jacobus Venter and their children Pieter and Intelashia with their dog Snowy and their rabbit Peanut. From the series “Messina/Musina”, 2006

Colegas de escola na sala de estar da família Viljoen: Barend van den Berg, Werner Vos, Bartie Kotze, Armand Viljoen, Deon Viljoen. Da série “Messina/Musina”, 2006
School friends in the Viljoen family living room: Barend van den Berg, Werner Vos, Bartie Kotze, Armand Viljoen, Deon Viljoen. From the series “Messina/Musina”, 2006

Thina Lucy Manebaneba com o filho, Samuel Mabolabola, e o irmão, Enos Manebaneba, na sala de estar, depois de irem à igreja. Da série “Messina/Musina”, 2006
Thina Lucy Manebaneba with her son Samuel Mabolabola and her brother Enos Manebaneba in their living room after church. From the series “Messina/Musina”, 2006

Funerária e lápides Makhado. Da série “Messina/Musina”, 2006
Makhado Funeral Undertakers and Tombstones. From the series “Messina/Musina”, 2006

Lovemore Kufainyore e Taimon Crukunu, que atravessam a fronteira do Zimbabuê uma vez por mês para pedirem dinheiro na África do Sul. Da série “Messina/Musina”, 2006
Lovemore Kufainyore and Taimon Crukunu, who cross the border from Zimbabwe once a month to beg for money in South Africa. From the series “Messina/Musina”, 2006

Jan, Martie, Kayala, Florence e Basil Meyer em casa. Da série “Messina/Musina”, 2006
Jan, Martie, Kayala, Florence and Basil Meyer in their home. From the series “Messina/Musina”, 2006

Cama de cartão num prédio abandonado. Da série “Messina/Musina”, 2006
Cardboard bed in an abandoned building. From the series “Messina/Musina”, 2006

Gustaf, Maureen, Koos e Marco Louw em casa. Da série “Messina/Musina”, 2006
Gustaf, Maureen, Koos and Marco Louw in their home. From the series “Messina/Musina”, 2006

Pieter e Maryna Vermeulen com Timana Phosiwa. Da série “Messina/Musina”, 2006
Pieter and Maryna Vermeulen with Timana Phosiwa. From the series “Messina/Musina”, 2006

Igreja Católica de Ntarama, um dos palcos do genocídio. Da série “Vestígios de um Genocídio”, 2004
Genocide site, Ntarama Catholic Church. From the series “Vestiges of a Genocide”, 2004

Igreja Católica de Ntarama, um dos palcos do genocídio. Da série “Vestígios de um Genocídio”, 2004
Genocide site, Ntarama Catholic Church. From the series “Vestiges of a Genocide”, 2004

Igreja Católica de Ntarama, um dos palcos do genocídio. Da série “Vestígios de um Genocídio”, 2004
Genocide site, Ntarama Catholic Church. From the series “Vestiges of a Genocide”, 2004

Igreja Católica de Ntarama, um dos palcos do genocídio. Da série “Vestígios de um Genocídio”, 2004
Genocide site Ntarama Catholic Church. From the series “Vestiges of a Genocide”, 2004

Igreja Católica de Ntarama, um dos palcos do genocídio. Da série “Vestígios de um Genocídio”, 2004
Genocide site Ntarama Catholic Church. From the series “Vestiges of a Genocide”, 2004

Corpos cobertos de cal, como preservação de provas do massacre no Murambi Technical College. Da série “Vestígios de um Genocídio”, 2004
Bodies covered in lime to preserve the evidence of the mass killing at Murambi Technical College. From the series “Vestiges of a Genocide”, 2004

Corpos cobertos de cal, como preservação de provas do massacre no Murambi Technical College. Da série “Vestígios de um Genocídio”, 2004
Bodies covered in lime to preserve the evidence of the mass killing at Murambi Technical College. From the series “Vestiges of a Genocide”, 2004

A ante-sala do quarto do ex-Presidente Kaiser Matanzima, no extinto bantustão do Transkei. Da série “Parentesco”, 2008-2011
The reception room outside ex-President Kaiser Matanzima’s bedroom in the now defunct bantustan of Transkei. From the series “Kin”, 2008-2011

A vista do quarto do ex-Presidente Kaiser Matanzima, Mthatha. Da série “Parentesco”, 2008-2011
The view from ex-President Kaiser Matanzima’s bedroom, Mthatha. From the series “Kin”, 2008-2011

Num hospital abandonado para crianças tuberculosas em Mthatha. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Inside an abandoned children’s tuberculosis hospital in Mthatha. From the series “Kin”, 2008-2011

Gabinete do governo, Mthatha. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Government office, Mthatha. From the series “Kin”, 2008-2011

Num aldeamento cultural, na estrada para Mthatha. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Inside a cultural village on the road to Mthatha. From the series “Kin”, 2008-2011

Loyiso Mayga, Wandise Ngcam, Lunga White, Luyanda Mzantsi e Khungisile Mdolo depois da sua cerimónia de iniciação em Mthatha. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Loyiso Mayga, Wandise Ngcam, Lunga White, Luyanda Mzantsi and Khungisile Mdolo after their initiation ceremony in Mthatha. From the series “Kin”, 2008-2011

Processo de taxidermia em curso, no Iziko South African Museum da Cidade do Cabo. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Taxidermy in progress at the Iziko South African Museum in Cape Town. From the series “Kin”, 2008-2011

André Hugo e Martje Potgieter com o filho primogénito, Leon Hugo, no dia do seu casamento. Da série “Parentesco”, 2008-2011
André Hugo and Martje Potgieter, with their first born, Leon Hugo, on the day of their wedding. From the series “Kin”, 2008-2011

Tamsyn Reynolds, grávida do nosso primeiro filho. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Tamsyn Reynolds pregnant with our first child. From the series “Kin”, 2008-2011

Sophia Hugo, no dia em que nasceu. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Sophia Hugo on the day of her birth. From the series “Kin”, 2008-2011

Anna Hugo, a minha avó. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Anna Hugo, my grandmother. From the series “Kin”, 2008-2011

Mary Tali, de 77 anos, que passou a vida adulta como criada da minha avó. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Mary Tali, aged 77, who spent her entire adult life working as a maid for my grandmother. From the series “Kin”, 2008-2011

Escultura de jardim em Kroonstad. Da série “Parentesco”, 2008-2011
A garden sculpture in Kroonstad. From the series “Kin”, 2008-2011

Cemitério familiar numa plantação de milho na estrada dos arredores de Kroonstad. Da série “Parentesco”, 2008-2011
A family graveyard in maize plantations on the road outside Kroonstad. From the series “Kin”, 2008-2011

Na Biblioteca Pública de Kroonstad. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Inside the Kroonstad Public Library, Kroonstad. From the series “Kin”, 2008-2011

Figura de cera de Louis Washkansky que, em 1967, foi o primeiro humano a receber um transplante de coração, no Museu Heart of Cape Town. Da série “Parentesco”, 2008-2011
A wax mannequin of Louis Washkansky, who in 1967 became the world’s first human heart transplant recipient at the Heart of Cape Town Museum. From the series “Kin”, 2008-2011

Num cruzamento, Joanesburgo. Da série “Parentesco”, 2008-2011
At a traffic intersection, Johannesburg. From the series “Kin”, 2008-2011

Na escola de condução “Salmo 23”, Krugersdorp. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Inside the ‘Psalm 23’ driving school, Krugersdorp. From the series “Kin”, 2008-2011

Lize Hugo, depois da mamoplastia de redução, Cidade do Cabo. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Lize Hugo after her breast reduction surgery, Cape Town. From the series “Kin”, 2008-2011

“Bobo”, na orla da praia de Muizenberg, onde dorme, Muizenberg. Da série “Parentesco”, 2008-2011
‘Bobo’ on the Muizenberg beach front, where he sleeps, Muizenberg. From the series “Kin”, 2008-2011

Quinta de ovinicultura na estrada para Caledon. Da série “Parentesco”, 2008-2011
A sheep farm on the road to Caledon. From the series “Kin”, 2008-2011

Área de descanso na estrada para Camps Bay, Cidade do Cabo. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Rest area on the road to Camps Bay, Cape Town. From the series “Kin”, 2008-2011

Horta no Clube Português em Pretória. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Vegetable garden at the Portuguese Club in Pretoria. From the series “Kin”, 2008-2011

Sophia Hugo na estrada da Montanha da Mesa, Cidade do Cabo. Da série “Parentesco”, 2008-2011
Sophia Hugo on Table Mountain Road, Cape Town. From the series “Kin”, 2008-2011

Graham Ellis, Constantia. Da série “Em Casa, África do Sul”, 2012
Graham Ellis, Constantia. From the series “At Home, South Africa”, 2012

Brittany Cook, Higgovale. Da série “Em Casa, África do Sul”, 2012
Brittany Cook, Higgovale. From the series “At Home, South Africa”, 2012

Mike Atkins, Bloubergstrand. Da série “Em Casa, África do Sul”, 2012
Mike Atkins, Bloubergstrand. From the series “At Home, South Africa”, 2012

Katharina Shaw, Sandrift. Da série “Em Casa, África do Sul”, 2012
Katharina Shaw, Sandrift. From the series “At Home, South Africa”, 2012

Moses Mapukata, Khayalitsha. Da série “Em Casa, África do Sul”, 2012
Moses Mapukata, Khayalitsha. From the series “At Home, South Africa”, 2012

Nº 15

MARÇO / MARCH
2014

PRÓXIMO FUTURO NEXT FUTURE

Próximo Futuro é um Programa Gulbenkian de Cultura Contemporânea dedicado em particular, mas não exclusivamente, à investigação e à criação na Europa, em África, na América Latina e nas Caraíbas.

Next Future is a Gulbenkian Program of Contemporary Culture dedicated in particular, but not exclusively, to research and creation in Europe, Africa, Latin America and the Caribbean.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN